

RELIGIÃO: COMUNIDADE DE FÉ; EXPRESSÃO CULTURAL

Antônio Pedro Moura de Oliveira.

1. INTRODUÇÃO

O homem é, notadamente, um ser extremamente curioso, busca resposta convincente para seus problemas existenciais, para os seus desafios, demonstra uma peculiaridade, ele tende à realidade externa, tende a. Na busca desta resposta algumas pessoas fazem experiências que vão além das coisas diretas, experimentáveis pelos sentidos, ganha notoriedade o campo metafísico, místico, religioso.

Tender a ou abrir-se ao mistério requer um sentir, um exercício vivencial profundamente participativo, nunca individual demandando aquela harmonização que denominamos de experiência religiosa, uma musicalidade sintonizada com a existência. Sem isto não acontece aquele salto que oferece uma possibilidade de experiência de vida acalentada pelas réplicas recebidas ou respostas que embalam e fazem adormecer aquelas tantas inquietações. Seria esta resposta o elemento, os dados da idealidade que une os seres humanos na existência?

2. A SOCIEDADE E SEU DESAFIO

São frutos da sociedade contemporânea as criações maravilhosas, as descobertas fantásticas, enfim, objetos que proporcionam conforto e comodidade, tudo aquilo que pode levar a pessoa humana a um bem viver, mas não estamos vendo isto, o que temos experimentado, usufruído mediante a pesquisa e invenção não trazem a fraternidade, a solidariedade, a vida plena em comunidade.

A nossa vida não se desenrola debaixo do signo da fraternidade, da felicidade, da paz espiritual, pelo contrário, um verdadeiro caos de espírito, um estado de desorientação muito semelhante a uma forma de exagero, loucura histórica. Para tal situação qual o nome que melhor se encaixa? Até entendemos a posição do Erich Fromm "... mas muito mais uma espécie de esquizofrenia, no qual o contato com a realidade íntima vai perdendo sentido e se verifica uma fratura entre os pensamentos e afetos"¹.

As observações de Erich Fromm alertam para uma maior tomada de consciência da realidade que frequentemente se esvai, uma forma cultural na qual não estamos sempre conscientes do que somos e do que fazemos. Forma de cultura é aqui entendido como modo de manipular a realidade orientado por um projeto que determina uma produção de tudo que é apreendido pelo conhecimento em meios aos já existentes na natureza, objetos que possuem uma finalidade e são construídos conforme uma perspectiva que remete a uma mentalidade particular.

É preciso repensar a existência. Os dados demonstram a urgência de um repensar, um interrogar-se, quem sabe a retomada do hipotético estado de natureza anunciado pelo Rousseau no *Discurso sobre a Origem e Fundamento da Desigualdade entre Os Homens*². A verdade é que a humanidade dá passos de gigante, tem testemunhado a evolução tecnológica, o sucesso conquistado em laboratório; mas, tanto a ciência que colabora e avança quanto a razão e toda a racionalidade humana, diante do mistério que é a pessoa humana, silencia, não dá a resposta de forma convincente para aquelas questões que se referem à subjetividade humana.

É inegável a necessidade de saciar as inquietações humanas, de encontrar soluções e de elaborar possíveis hipóteses diante aqueles numerosos porquês da existência. Quem não está envolvido em situações que por vezes bloqueiam as ações instintivas, profundamente sentimentais? Se, de fato, estamos num grau de explicar tudo que é verificável, porque abaixo dos nossos sentidos estão, o mesmo não se pode dizer sobre o que paira à natureza humana quando se fala das três dimensões: corpórea, psíquica e espiritual..

Nem tudo é explicável no laboratório, nem tudo tem uma resposta mecânica como se se tratasse de um fato evidente. Por detrás tem muito mais, algo, um “não sei que” que a razão não pode explicar por que intocável, por isso irreconhecível. Kant já advertia sobre os erros transcendentais, aqueles no qual a razão pode cair na sua pretensão universal de dar explicação. É a racionalidade desprestigiada? Não. Não é esta a intenção, não se trata do outro extremo, com esta não certeza absoluta não se pode conduzir como única via ao ceticismo.

Existem mistérios que apaixonam a humanidade, mas são mistérios, por certos aspectos não são desvelados, por sua vez, não perderiam o fascínio, mas por que não oferecem

explicação racional, segura, verificável. Todavia o homem adverte esta presença misteriosa a qual não sempre sabe e quer dar um nome. É certo que há o inalcançável e indomável, incompreensível, mas presente. Só quem se deixa levar pela superficialidade e não dá a devida atenção a isto, pode fazer dissimulação, banalizar ou pior ainda declará-la como nada, o vazio, como aquele vazio que termina por tragar com a sua debilidade a sensibilidade do Eu.

A constante necessidade de proteção, segurança emerge com maior vigor no momento de busca do preenchimento do vazio, diante de um inevitável sentimento de decréscimo, de perda. As vezes a privação preenche a totalidade da pessoa e, em tal situação, agride a quem não está disposto a colocar-se em jogo para encontrar a si mesmo, que não pretende defrontar com o mais profundo da alma.

É em tais circunstâncias que a fé se acende, começa a fazer colher luz e sombra em um sutil e perverso jogo de domínio ou plena libertação. A vontade, a esperança e a caridade aparecem como aqueles valores, não podem ser objetos ou instrumentos que conduzem a uma anomia. Rever as coisas importantes, aquelas questões que merecem atenção e que pedem reflexão, solicitando assim um repensar mais complexo que investe a inteira pessoa, não poupando coração e razão, modos da alma e segurança. A plena consciência das práticas que englobam as virtudes é uma exigência para a experiência religiosa.

3. AS TEORIAS

A crença não é só um sinal de abandono e de obvia resignação, é mais que isso, é testemunha de uma grande força e de uma paixão, necessária para dar, de verdade, uma impressão inovadora e em certos aspectos revolucionária à própria vida. Indagando nos meandros do inconsciente, Freud havia interpretado a experiência religiosa de maneira negativa, sustentando que a religião era nutrida e originada do sentimento de fraqueza do homem despedaçado, assim diz Freud,

Há muito tempo atrás, ele [o homem] formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses. A estes, atribuía tudo que parecia inatingível aos seus desejos ou lhe era proibido. Pode-se dizer, portanto, que esses deuses constituíam ideais culturais(Freud, 2006, p. 35).

O fato de atribuir a um Deus a tudo aquilo que parecia inatingível era considerado em tal visão como fruto do conflito exercitado entre o eu das forças naturais com os indomáveis instintos interiores.

Devido a esta constatação Freud aponta o risco da religião quando a descreve como ilusão e fonte de perigo, por que gera um grau de empobrecimento a inteligência e o espírito crítico do homem o qual, diante às numerosas dificuldades, aceita à necessidade de encontrar uma figura forte, potente, capaz de exercer como suporte e elemento de segurança, aquele ser sobrenatural, a qual pertence o mistério, que frequentemente se chama Deus.

Seguramente não pode ser negada a tese de que é, exatamente, no momento de maior fraqueza e de fragilidade aquele que obriga a pessoa a pedir ajuda. Mas, não é tal caso uma procura que satisfaça se não encontra terreno fértil, aquela terra que para dar os seus frutos pede perseverança, empenho, sacrifício e trabalho da própria pessoa envolvida.

Teria toda razão o Karl Marx, outro crítico da religião, se por parte da pessoa de fé não houvesse uma predisposição, uma adesão de modo livre. Ao definir a religião como uma ideologia, facilmente divulgada e aprendemos tal veredicto sobre a religião como sendo “Ópio do povo”, por que capaz de alimentar a vã e duvidosa esperança. Mas a religião não é isto. Não é ilusão, não faz crer que tudo seja resolvido milagrosamente.

4. A EXIGÊNCIA DA FÉ

Expressar a fé requer uma dedicação profunda, atenta e construtiva perseverança. A fé se conquista, alimenta e se renova diariamente, porque revigora no coração que se abre ao mistério e, sobretudo, ao amor. Crer no outro ou em Deus, escreve Simmel “...isto significa que a inquietação e a insegurança que é nosso destino comum sentir, têm deixado o posto a uma solidez na direção destes seres: a imagem deles é um calmante nas incertezas da alma” e o fato que no singular caso façam vocês a confiança projeções destas sensações de segurança que caracteriza a nossa condição espiritual debaixo do influxo da sua imagem³.

Fé e confiança são ingredientes da vida humana, como também a esperança que incita a ação. Ambas não são dadas de uma só vez, num passo de mágica para sempre e para todos.

É uma contínua construção, não excluindo interessantes momentos de revisão que impulsiona a mudar, é um olhar no próprio íntimo para elaborar um designo existencial de sentido, rico e significativo de valores que a própria religião defende e incrementa.

A questão do problema religioso na contemporaneidade parte de uma concepção muito aberta ao debate: será que a religião, no seu caráter experiencial, no seu início, trata-se de um sentimento íntimo ou de uma dedução lógica? De acordo com a resposta o trabalho poderá nos levar a reivindicação da autonomia religiosa frente a cada tipo de conhecimento teórico, então, por que, desde o Iluminismo se insiste numa postura da religião como racionalização?

Seguindo a linha de Rudolf Otto (1992) que se predispõe a mostrar como a religião é um tipo de visão da realidade, portanto, um saber que possui natureza própria no sentido pleno da palavra, um saber não-racional esquematizado por ações racionais⁴, não avaliá-la apenas pelo seu lado mistério; não tão distante desse pensamento é a posição de Mircea Eliade que a partir das suas análises afirma que o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais, não pode ser vista apenas como uma realidade irracional⁵.

Mas, para aqueles que fazem a experiência religiosa é preciso compreender que tanto para a sociedade quanto para o homem contemporâneo, expressar as suas doutrinas e justificar o seu uso não é mais possível o uso de rituais mágicos como referência. Não é mais adequado por que, por mais simples que seja a racionalidade o uso de parâmetros é necessário, seguir a regra do jogo é essencial; desta forma se poderá ir ao encontro do mistério.

A religião não pode esquecer que para falar sobre a cultura ela faz uso, tanto para o uso dos seus mitos quanto para a prática de seus ritos, de instrumentos que não são originários da religião. Veja a linguagem religiosa, de onde ela é originária? Não da vida cotidiana, da linguagem comum, a procedência é do mundo real, onde encontrar tais referências que não sejam no campo da cultura?

Vejamos, por exemplo, a palavra pai, perdão, caridade, fraternidade, amor, etc., é difícil encontrar uma religião que não use estes termos, de onde eles são originários? Não é da cultura, não é da realidade? O que nos resta saber é como são utilizados, qual significado

estes termos passam a ter quando empregados pela religião e como são utilizados pela cultura. Aqui chegamos a uma conclusão importante; a linguagem religiosa não é estranha à linguagem comum.

Havendo um vocabulário da vida cotidiana sendo empregado pelas diversas matizes religiosas, que significado elas comportam? São os mesmos empregados pela cultura? O modo de falar do contexto religioso não deve ser diferente daquele não religioso, como um idioma de outro idioma, por exemplo, do português para o inglês. O religioso não fala duas línguas o português e a cristã, por exemplo, nem se traduz da linguagem cristã para a linguagem comum.

Por outro lado, é evidente que o modo de falar em um contexto religioso, com palavras de significados especiais “graça”, “salvação” “penitência”, com predileção de certas expressões serve, também, como meio e sinal de identificação do grupo e de cada um em particular dentro do grupo, esse processo se dá através da socialização cultural.

Até mesmo dentro do próprio ambiente religioso, imagine o cristianismo com suas várias denominações, exemplo católico e evangélico quando se fala de pecado, obra sem fé ou fé sem obras, salvação, etc., quantas interpretações. A linguagem religiosa tem uma relação muito estreita com a linguagem comum quotidiana, mas os significados dados destoam dos princípios do fenômeno religioso em si.

5. À GUIA DE CONCLUSÃO

Religião e razão teletecnocientífica, sustenta J. Derrida são, portanto indissociáveis, capaz de abraçar o inteiro planeta, tanto é verdade que “a religião acompanha e precede até mesmo a razão crítica e teletecnocientífica, vigia sobre esta lei como se fosse a sua sombra”⁶ é a sua guarda, à sombra da luz, o penhor da fé, o requisito de confiança, a experiência de confiança que pressupõe cada produção de um saber partilhado.

Sem o desabrochar da confiança que ensina a religião e que a fé permite de recolhê-la, resulta então impossível ao homem abrir-se ao futuro, segundo uma perspectiva que leva a descobrir o outro e por sua vez as culturas e as religiões outras. Na perspectiva unitária

capaz de superar barreiras e distâncias, ignorando de todos aqueles possíveis *ismos* que se traduzem, pois no fanatismo, dogmatismo e fundamentalismo, por exemplo, poderia derivar somente da consideração da religião como forma de cultura, uma cultura que não pertence a um modo, mas ao mundo, aquilo que se refere à inteira humanidade.

Eis o porquê, de verdade, se pode descrever a experiência religiosa como valor,⁷ fonte de valores, signo tangível de amor, respeito, solidariedade, fraternidade, humanidade, cultura no sentido pleno e carregada de expectativa. A religião é aquela que não pode ser negada a nenhum homem, embora, cada homem tenha a sua plena liberdade para acolhê-la ou não e nem por isso deixará de ser aquilo que todas as religiões anunciam, que somos irmãos e que há Deus.

A adoção deste ponto de vista consente superar divisões frequentemente daquele ódio e daquele fanatismo que nenhuma religião, poderá mais ensinar, se é verdade que cada mensagem religiosa é testemunha de amor, é estímulo de abertura e a cooperação e a favor da colaboração entre os homens. Falar de religião requer a experiência religiosa e ter experiência religiosa hoje significa buscar aproximação correta por valores. Significa assumir o posto que pode e dever ser assinalado a religião a respeito da linguagem humana, significa, outrossim, conhecer os significados próprios dos símbolos da língua para poder usar e para explicitar conceitos⁸.

A religião, logo, se torna fértil e harmoniosamente com os outros saberes, não tende a predominar, assume uma relação reivindicativa o seu método, mas não está em conflito com a ciência, assim como não repudia a arte para se colocar em uma nobre posição; nem é tão pouco acima da história ou privada de uma linguagem, mas muito mais se relaciona com a ciência distinguindo-se até as últimas consequências, se dá também através da arte e nutre a mesma história enquanto testemunha humana, exprimindo-se, enfim, com uma linguagem que a coloca tão comum tal qual o sentir individual.

Compreender isto quer dizer superar barreiras, não nutrir sentimentos de ódio e de fanatismo que só uma visão estreita e parcial podem alimentar e enfocar, quer dizer, ainda, adotar um ponto de vista elevado, capaz de reerguer-se, saindo de uma visão simplista e superficial, muito dotada de uma redutividade, disseminando muito mais aqueles germes

que apodrecem a vida de uma rigorosa árvore capaz de colorir e de vivificar também o mais nu dos desertos.

BIBLIOGRAFIA

Angela A. Bello. *Culturas e Religiões - uma leitura fenomenológica*. Bauru, EDUSC, 1998.

Derrida, J. & Vattimo, G. *A religião*. São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

E. Fromm, *Psicoanálise e religião*, Ed. Mondadori, Milano 1987.

F. Ferrarotti, *Una fede senza dogmi*, Ed. Sagittari Laterza, Bari 1990.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização – Imago*, São Paulo, 2006.

Guerreiro, S. (org.) *O estudo das religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo, Paulinas e ABHR, 2003.

L. Rosati, *La religione come forma e valore di cultura*, Ed. Marcon, Città di Castello, 1988.

OTTO, R. *O Sagrado*. Edições 70, 1992.

¹E. Fromm, *Psicoanálise e Religione*, Ed. Mondadori, Milano, 1987.

²Estado de Natureza é uma situação hipotética criada por Rousseau com o objetivo de desenvolver uma crítica à sociedade do século XVIII. Não significa voltar a andar de quatro patas como pressupõe o Voltaire.

³G. SIMMEL, *Religião*. Olho d'água, vol II, 2011.

⁴R. OTTO, *O Sagrado*. Edições 70, 1992. pp.50-51

⁵ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁶J. Derrida, G. Vattimo, a cura di, *La religione*, Ed. Laterza, Roma-Bari, 1995, p. 47.

⁷L. Rosati, *La religione come forma e valore di cultura*, Ed. Marcon, Città di Castello, 1988.

⁸L. Rosati, *op.cit.*, p.19.